Entre Fundamentos de Baixa e Suportes de Risco: O Dilema das Cotações do Café em 2026

Apesar do viés baixista ocasionado pelas perspectivas otimistas para a safra brasileira, o mercado encontrou suporte nos prêmios contra o risco logístico e financeiro incorporados nas cotações do café em função do conflito no Oriente Médio. A desvalorização do dólar é outro fator que também sustenta as cotações nas principais Bolsas de café do mundo. Contudo, ambos fatores não permitem muita previsibilidade, diferentemente do volume da safra brasileira, que se torna cada vez mais evidente. Desta forma, é vital lembrar que os fundamentos de oferta e demanda dificilmente são superados por outras variáveis e que, no período de transição para a nova safra no Brasil, o mercado pode sofrer pressões adicionais. Fatores altistas: O USDA revisou o consumo global para cima em 4,49 milhões de sacas, deixando os estoques de passagem do ciclo 2025/26 em patamares alarmantes, incapazes de suprir sequer um mês e meio do consumo mundial, tornando os preços altamente sensíveis a qualquer adversidade climática; receios diante os riscos que o inverno brasileiro traz; recuo das exportações brasileiras de 27,3% nos dois primeiros meses de 2026; comercialização da safra brasileira 2025/26 mais lenta dá sustentação no físico à vista; disponibilidade limitada na Colômbia; prêmio de risco embutido nos preços do café em função do conflito no Oriente Médio; dólar enfraquecido dá sustentação para os preços nas Bolsas. Fatores baixistas: a iminência de uma safra recorde no Brasil, cujas projeções existentes vêm sendo elevadas devido às condições climáticas favoráveis; padrão de preços invertido nas Bolsas e nos diferenciais de base (FOB Santos vs. ICE Fut. US), com os vencimentos curtos e o disponível valorizados frente aos futuros, o que reforça o cenário baixista, principalmente para o 2º semestre de 2026; posicionamento mais comedido do produtor em vender dá sustentação para o mercado spot (à vista), mas pode pesar na boca da safra se ocasionar aumento de oferta; as cotações dos Canephoras sofrem maior pressão com o avanço das colheitas no Brasil e na Indonésia, somado ao aumento de 14% nas exportações do Vietnã no primeiro trimestre de 2026; para os preços no mercado físico interno, a desvalorização do dólar (hoje abaixo de R$ 5,15) pesa contra; apesar da manutenção dos prêmios logísticos e financeiros nos preços do café, a instabilidade no Oriente Médio e os juros altos elevam a volatilidade cambial e a aversão ao risco, criando um cenário de pressão sobre os preços do café; tecnicamente (análise gráfica), café perdeu força e segue com viés de baixa.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

Apesar dos fatores de sustentação abordados no início deste relatório, é preciso muita cautela, pois, neste primeiro semestre de 2026, o mercado já começou a precificar o próximo ciclo, cujas perspectivas de oferta seguem bem positivas. Assim como a Conab, diversas empresas e consultorias (como citado no Raio-X do Mercado Procafé) já estimam uma produção brasileira recorde para 2026. E, com um cenário climático mais favorável nos primeiros meses de 2026, alguns já começam a revisar suas estimativas recordes iniciais para cima, o que tende a pressionar os preços ainda mais. Muito embora os estoques de passagem ao final do atual ciclo representem um nível extremamente crítico, é difícil imaginar uma safra recorde no Brasil sem derrubar os preços. Se por um lado existe otimismo com a produção, por outro, o sentimento do mercado é de pessimismo com os preços, sentimento que, muito provavelmente poderia se reverter com maior consistência, apenas diante um surto climático. Neste contexto, ao considerar o custo médio de produção, é possível se dizer que os preços no mercado físico à vista seguem interessantes, propondo uma boa margem para os poucos que ainda possuem café. Já os preços futuros seguem menos atraentes reforçando expectativa de amenização do atual cenário de escassez com a chegada de uma próxima safra brasileira volumosa. Ainda assim, é importante ponderar que, se os riscos do inverno brasileiro não se consumarem em fato (torçamos para que

não) é provável que a queda se intensifique. Diante da atual conjuntura do mercado de café, a estratégia mais prudente é participar do mercado, aproveitando as janelas de oportunidade trazidas pelos riscos do inverno brasileiro. O foco deve ser garantir margens e proteção contra quedas mais acentuadas, sem comprometer o potencial de ganho em caso de valorizações por surtos climáticos.

Para detalhes mais aprofundados, acessem o Raio-X do Mercado Procafé clicando aqui.

Varginha, 07 de abril de 2026.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé